

PRÁTICAS CORPORAIS E SAÚDE

NOVOS OLHARES

Ms. FABIANA FERNANDES DE FREITAS

Mestre em educação física pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (USP). Integrante do Grupo de Estudos em Educação Física e Saúde Coletiva, Escola de Educação Física e Esporte, USP
E-mail: fabianafreitas@yahoo.com.br

Msnda. FERNANDA KUNDRÁT BRASIL

Mestranda em educação física pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Integrante do Grupo de Estudos em Educação Física e Saúde Coletiva, Escola de Educação Física e Esporte, USP
E-mail: febrasil@usp.br

Dnda. CINTHIA LOPES DA SILVA

Doutoranda em educação física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Integrante do Grupo de Estudos em Educação Física e Saúde Coletiva, Escola de Educação Física e Esporte, USP

RESUMO

O referencial exclusivamente biológico para estudo do corpo, das práticas corporais e da saúde tem sido historicamente predominante na área da educação física. Essa visão reforça o entendimento de que a prática de atividades físicas garante, por si só, saúde à população. É objetivo deste trabalho repensar valores e conceitos presentes em tal relação, a partir de um referencial sociocultural. Para isso, realizamos revisão de literatura e de produções acadêmicas de um grupo de pesquisa que busca no encontro entre a educação física e a saúde coletiva construir novos olhares para a saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas corporais; saúde; cultura.

INTRODUÇÃO

Pensar os sentidos das práticas corporais na sociedade atual é considerar os diversos discursos produzidos no meio em que vivemos. Tal ação reflexiva remete à problematização da relação entre educação física e saúde que se tem correntemente perpetuado. Relação que reduz o sujeito a objeto e prioriza aspectos quantitativos e individuais em detrimento da busca pelo significado das ações humanas. A necessidade de questionar tal situação e de repensar valores e conceitos para essa área tem aproximado áreas como educação física e saúde coletiva. É nesse sentido que o Grupo de Estudos em educação física e Saúde Coletiva (Gees) da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (USP) tem atuado.

Constituído desde 2001, esse grupo tem como participantes professores, representantes de órgãos públicos, alunos e pesquisadores de educação física. Esses, a partir do referencial teórico-metodológico provindo das ciências sociais e humanas, buscam contribuir para a questão da saúde, tanto no que se refere à pesquisa quanto à intervenção.

Entre os temas estudados pelo Gees estão: o fenômeno social da busca pelo corpo belo e saudável; a relação entre homem e natureza e as propostas teórico-metodológicas de oferecimento das práticas corporais nos espaços públicos. Prioriza-se, nos trabalhos acadêmicos do grupo, focalizar os sujeitos que neles podem se expressar e se afirmar como cidadão, uma vez que se entende que a construção do conhecimento é coletiva e se destina a interesses coletivos.

Nessa linha, o propósito desse trabalho é repensar valores e conceitos presentes na relação atividade física e saúde, a partir de um referencial sociocultural. Para isso, primeiramente são discutidas idéias que têm norteado os estudos desenvolvidos pelo Gees. Na seqüência, são apresentados trabalhos de pesquisas e intervenção. Por fim, seguem reflexões sobre como essa linha de estudo pode contribuir para a revisão de conceitos na educação física.

O CAMINHO PERCORRIDO: A APROXIMAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO FÍSICA E SAÚDE COLETIVA

Historicamente, tanto a área da educação física como da saúde têm sido fortemente influenciadas pelo modelo cartesiano de ciência. Essa maneira de pensar o homem e suas ações no mundo reduz o sujeito a objeto de estudo e pesquisa, dicotomiza a relação corpo e mente e supervaloriza a mensuração e comprovação de dados (KOYRÉ, 1992), enfim, defende uma objetivação que acaba por retirar do homem a sua humanidade, por considerá-lo um ser exclusivamente biológico.

Partir do referencial das ciências humanas para compreender ambas as áreas é criar uma contraposição à exclusividade desse modelo. É chamar a atenção para a complexidade da vida e para os múltiplos fatores que determinam as ações humanas: as diferenças entre os sujeitos e as influências culturais que recebem; as condições de vida que possuem; a construção de políticas que possibilitam o acesso a seus direitos de cidadania; as tensões existentes entre o saber científico e o popular; as representações formuladas em torno da natureza que acabam por influenciar as intervenções sobre o próprio homem e seu entorno socioambiental, bem como as relações com seus semelhantes, entre tantos outros aspectos. Enfim, é considerar a dinâmica da vida como ela é, sem reparti-la, resumi-la ou universalizá-la.

Por conseguinte, é possível pensar o ser humano, suas práticas e ações como sujeito coletivo e social, que constrói cotidianamente diferentes maneiras de ser e atuar na vida, em vez da ênfase nos referenciais que, de uma forma ou de outra, contribuem para acentuar a exclusão, a individualidade, a competição, a homogeneização da sociedade e dos serviços a ela oferecidos. O encontro entre educação física e saúde coletiva contribui para a construção de contrapontos a tais princípios e para o entendimento da saúde, das práticas corporais e da relação entre homem e natureza, considerando a complexidade que envolve esses temas.

Embora se compreenda a existência de uma relação entre educação física e saúde estabelecida no decorrer do tempo, idealizando as práticas corporais como produtoras de saúde, há também a necessidade de se questionar os conceitos implícitos nessa relação e as questões que se colocam cotidianamente no meio onde o homem está inserido. Assim, chama-se atenção para os conteúdos, espaços e populações privilegiadas nas intervenções; os valores que orientam as ações profissionais, assim como o acesso às práticas e conhecimentos da cultura corporal de movimento¹.

É possível observar também um movimento provindo da área da saúde. Cada vez se dá mais atenção às ações que se unem para enfrentar os problemas de saúde, por serem estes de diferentes ordens (social, econômica, ambiental, afetiva, biológica). Portanto, a obtenção da saúde é também resultante de, como define Minayo et al. (2000), um "híbrido biológico-social, mediado por condições mentais, ambientais e culturais" (p. 12), de modo que as intervenções passam a ser também de diferentes ordens. A saúde coletiva tem trabalhado nessa linha e valorizado todos aqueles que, de uma ou outra forma, contribuem para a produção de saúde.

A saúde coletiva é um campo que se constituiu na América Latina a partir da década de 1970. Foi formado por diferentes profissionais atuantes na área da saúde

¹ Termo atribuído ao conjunto de expressões e manifestações corporais construídas histórica e culturalmente por diferentes sociedades, tais como: esportes, ginásticas, lutas, danças, jogos... às práticas corporais de maneira geral.

que apontavam para a necessidade de discussões no âmbito coletivo-público-social e de reagir ao positivismo e à saúde pública tradicional, centrada no modelo biomédico. Buscava-se fundar um campo científico com uma orientação teórica, metodológica e política que privilegiasse o social como base para compreender o fenômeno saúde-doença.

Segundo Paim et al. (2000), a trajetória conceitual da saúde coletiva tem resultado na crítica aos diferentes movimentos e projetos de reforma em saúde propostos nos países capitalistas e na elaboração teórico-epistemológica e na produção científica, articuladas às práticas sociais. Prioriza-se a aproximação entre as dimensões objetiva e subjetiva no campo social da saúde. É um movimento recente e que continuamente revê seus princípios e ações, no sentido de delimitar seu campo de conhecimento e práticas.

Entre os autores envolvidos na discussão epistemológica da saúde coletiva, adota-se nesse trabalho as contribuições de Paim et al. (2000), por tratarem desse tema de maneira didática. Segundo tais autores, faz parte desse campo de conhecimento: o estudo do fenômeno saúde-doença em diferentes populações, a investigação sobre a produção e a distribuição das doenças na sociedade como processos de produção e reprodução social e a análise das práticas de saúde na sua articulação com as demais práticas sociais. De modo geral, procura-se “compreender as formas com que a sociedade identifica suas necessidades e problemas de saúde, busca sua explicação e se organiza para enfrentá-los” (PAIM; ALMEIDA FILHO, 2000, p. 62). No âmbito das práticas, o objeto de trabalho da saúde coletiva está direcionado às necessidades sociais de saúde. Atendê-las envolveria lançar mão de distintos saberes, disciplinas, tecnologias materiais e não-materiais como instrumentos de trabalho.

A interlocução da educação física com a saúde coletiva enriquece a análise dos significados atribuídos às práticas corporais e amplia a maneira de pensar a questão saúde. Para essa aproximação, parte-se de um referencial sociocultural. Uma das primeiras obras produzidas na educação física com o intuito de propor reflexões sobre tal tema foi “O ‘mito’ da atividade física e saúde”, de autoria de Yara M. de Carvalho. Sua primeira edição foi publicada na década de 1990, momento de intensificação dos discursos e questionamentos sobre a associação entre atividade física e saúde referenciada pela biomedicina. Desde então, tem sido freqüente nas produções acadêmicas da área discussões referentes ao tratamento que se dá ao sujeito² – tradicionalmente visto como objeto –, princípios e finalidades das práticas pedagógicas e o papel do professor de educação física.

² CARVALHO, Y. M. de. Atividade física e saúde: onde está e quem é o “sujeito” da relação? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 22, n. 2, p. 9-21, 2001.

Passou-se a priorizar fatores determinantes para a saúde da população que até então não eram considerados, uma vez que saber sobre os benefícios fisiológicos obtidos com a prática regular de atividades físicas não dava conta de explicar aspectos como: a desarmonia na relação entre os homens e seu entorno socioambiental; a carência de profissionais de educação física nos serviços públicos e em regiões de nível socioeconômico mais baixo; a compreensão e intervenção em uma dinâmica cultural que elege um determinado padrão de corpo como sinônimo de saúde.

Deslocar o foco para os “sujeitos”, para os sentidos de suas ações e o contexto em que vivem, implica compreender a relação entre as práticas corporais e a questão da saúde como construção cultural, portanto, passível de questionamento e revisão.

Para Thompson (2000), o estudo dos fenômenos culturais é preocupação central nas ciências sociais. O autor contrapõe-se à idéia da vida social como questão de objetos e fatos que ocorrem como fenômenos de um mundo natural, afirmando que ela é também uma questão de ações significativas, manifestações verbais, textos, enfim, de sujeitos que se expressam por esses meios e procuram entender a si mesmos e aos outros pela interpretação que produzem e recebem. Nessa linha, “cultura” é a produção de formas simbólicas inseridas em um contexto estruturado. Tal concepção permite pensar as práticas corporais como meios pelos quais os sujeitos se expressam em contextos específicos e os significados atribuídos a elas como elementos inseridos na estrutura social.

Essas idéias permitem aproximações com a discussão proposta por Bakhtin (2003) sobre “sujeito”. Aquele que fala, age e se expressa em determinado meio cultural tem uma intenção que é dirigida a seu interlocutor ou interlocutores. Nessa direção, os sentidos (ou formas simbólicas) construídos e expressos pelas ações humanas são o elo necessário para a relação entre sujeitos e o mundo. Exemplo disso é quando se vê alguém realizando práticas corporais (corrida, caminhada, musculação, ginástica etc.). Os significados atribuídos a essas manifestações são mediados pela vontade, desejo, visão de mundo do praticante e pelas influências recebidas por seu meio social.

Esses conceitos são de grande contribuição para a educação física porque ampliam a noção de práticas corporais, já que, nessa linha, são compreendidas como manifestações humanas, construídas coletivamente e culturalmente, assim como é a saúde.

PRÁTICAS CORPORAIS E SAÚDE: POSSIBILIDADES DE ENCONTRO

Com base na compreensão de que a relação entre práticas corporais e saúde é uma construção cultural e, por meio do diálogo com os conceitos discutidos

até o momento, apresentamos exemplos de pesquisas realizadas pelos integrantes do Gees. Os temas estudados: homem e natureza, práticas corporais no serviço público de saúde e corpo belo e saudável são frutos da aproximação entre a educação física e a saúde coletiva e expressam possibilidades desse encontro.

Homem e natureza

No contexto atual, há transformações socioambientais que ameaçam a saúde do planeta e das populações, em decorrência de dificuldades no lidar do homem com a natureza. Dessa forma, o meio ambiente emerge como tema corrente nos discursos contemporâneos incitando reflexões, advindas de múltiplas áreas do saber, à busca de caminhos para o bem-viver na modernidade. Nesse sentido, quais poderiam ser as contribuições da educação física para o debate? Que caminho a área poderia indicar para o estabelecimento de relações mais coerentes e responsáveis entre homem e natureza? Caminho para uma saúde melhor, uma vida melhor?

Ora, as interações humanas com a natureza, que se dão por meio do corpo, podem orientar a reflexão de questões pertinentes à educação física em sua interface com as temáticas ambientais. Por situar-se na interconexão entre cultura e natureza, Silva (2001) sugere a dimensão corporal como importante foco de reflexão nos discursos relacionados aos temas ambientais. Se, ainda conforme a autora, o meio ambiente, o entorno humano, assim como o próprio ser humano, é constituído de natureza e sociedade, se é por meio do corpo que o homem se relaciona com o mundo natural, então a partir dele é possível elaborar a respeito da maneira pela qual se tem vivido. Mas como isso se coloca no campo da educação física? Como os profissionais dessa área têm-se atido às questões que surgem do relacionamento humano com a natureza, com vistas a construir seus programas de intervenção?

Essas preocupações vinculam-se à freqüente presença de discursos e ações no interior da educação física, onde são notórios os fundamentos que instauraram a racionalidade científica moderna, ela mesma apontada como causa da crise ambiental que se coloca nos dias atuais (LEFF, 2000; FUNTOWICZ; DE MARCHI, 2000). Modo de pensar o universo, o homem e seu lugar no mundo, que autorizou o homem a reinar e se apropriar do mundo natural como se fosse seu dono. Dessa forma, foram inauguradas divisões entre mundo humano, mundo natural e mundo espiritual, como também fragmentações na própria natureza humana, ou seja, no corpo, e entre as relações tecidas pelos homens com seus semelhantes.

A exterioridade, independência e objetividade que vieram adjetivar a moderna concepção de natureza (LUZ, 1988), manejável por meio da racionalização, da ciência, da técnica, influenciaram também a concepção de corpo e suas expressões e pautaram os discursos e práticas no âmago da educação física. O uso do

corpo e controle por meio da técnica nas ações, fortemente guiado pelos saberes elaborados no interior da medicina (SOARES, 2001), vinculou as ações de saúde à valoração do corpo em termos quantitativos destinados à melhora da aptidão física, à sua higienização, individualização, materialização. Conseqüentemente, essa derivação técnica da vida, do homem e da natureza que se formou vê-se transportada às práticas corporais em interação com a natureza.

Nesse sentido, questiona-se se as realizações que acontecem no campo profissional contribuem de alguma forma para a sensibilização do homem com a natureza, para a conscientização dos dilemas ambientais; ou se são embasadas pela compreensão da natureza como espaço para realização individual, para fuga das tensões do dia-a-dia, aprimoramento das técnicas de movimento, local de exibição dos aparatos da indústria esportiva, a natureza compreendida segundo uma concepção utilitária e terapêutica.

O olhar provindo de uma base sociocultural orienta a reflexão acerca do relacionamento humano com a natureza, de forma que supere a concepção que tem fundado a própria fragmentação do sujeito e a desvinculação da totalidade da qual é parte. Esse olhar procura ater-se a outros modos de pensar, agir e sentir o corpo que possam contribuir por reorientar sentidos, valores e significados que culminem em novas interações do homem com seu entorno social, cultural e ambiental, como também consigo mesmo.

Em vista disso, apreender distintas relações humanas com o mundo natural ajuda a referenciar o modo como a natureza e o homem têm sido concebidos e tratados na sociedade moderna, principalmente nas sociedades urbano-industriais. Quando se trata da produção de um conhecimento que possa culminar em intervenções conscientes e coerentes do corpo com a natureza, que leitura a educação física poderia realizar, por exemplo, em torno da cultura tradicional, apresentada por Diegues (2002), como cultura portadora de mitos próprios e de relações com o mundo natural distintas das existentes nas sociedades urbano-industriais? Será que os discursos e práticas da educação física que se relacionam à natureza podem ser deslocados para outros eixos que não apenas aqueles que enfatizam as práticas corporais chamadas de aventura³ protagonizadas pelos atores das sociedades urbano-

3. Betrán (1995) coloca que essas atividades têm sido conceituadas diferentemente (novos esportes; esportes de aventura; esportes tecnoecológicos; esportes de liberdade; esportes californianos; esportes selvagens, entre outros) conforme as características e origens dessas práticas. Diante disso, Betrán apresentou um termo próprio e abrangente: "atividades físicas de aventura na natureza" (Afan). Estas diferem dos esportes tradicionais quanto à motivação, condições de prática, objetivos e meios para seu desenvolvimento, além de ocorrerem em três planos (terra, água e ar) e da necessidade de colaboração tecnológica (equipamentos, materiais e meios de controle).

industriais? Pode-se ampliar o foco da reflexão da ligação homem e natureza e pensar como esta poderia, por meio do corpo, se realizar na cidade, na escola, na universidade, na praia, enfim, em outros espaços, com distintos atores, e ênfase no coletivo, no humano, em vez do individualismo da relação entre homem e natureza que se coloca na atualidade?

Acredita-se que esse desafio é possível de se realizar tendo as próprias práticas corporais como orientação para tal. Dessa forma, olhar para a diversidade cultural e os tipos de relacionamento com a natureza que ela inaugura a partir de distintas prioridades, interesses e sonhos para com a vida ajuda a pensar considerações mais pertinentes e responsáveis na interação do homem com a natureza que se faz por meio das práticas corporais. Ao mesmo tempo, contribui por despertar construções futuras: saberes e práticas no campo da educação física que empreendam um pensar o mundo e agir sobre o planeta para a constituição de relações mais harmônicas e fraternas entre os homens, entre estes e a natureza, contribuindo, por fim, para a saúde que se quer.

Práticas corporais no serviço público de saúde

Como vimos, falar de saúde hoje não se restringe mais à ação médica. A saúde coletiva vem trabalhando no sentido de construir interlocuções com diferentes áreas do conhecimento para pensar ações conjuntas no âmbito da saúde. No entanto, é possível notar que a medicina baseada em evidências, de modo particular, ainda tem “[...] subestimado a importância de intervenções fora do núcleo médico, pouco investigando sobre a eficácia do autocuidado, da educação em saúde e da auto-análise [...]”, e desvalorizado “[...] o papel da alimentação e dos estilos de vida na produção de saúde” (CAMPOS, 2003, p. 108).

Em contrapartida, observa-se que a educação física fica aquém das possibilidades que, do nosso ponto de vista, pode oferecer, por exemplo, por serem poucos os trabalhos que incluem a participação do profissional específico no serviço público de saúde. Acreditamos que essa é uma possibilidade efetiva de privilegiar o social, o coletivo e o espaço público no âmbito de pesquisa e intervenção do profissional de educação física na área da saúde.

Nesse sentido, a partir do ano de 2001 o Gees desenvolve projetos de educação física junto ao Centro de Saúde Escola Samuel Pessoa (CSE)⁴. Realizou-se um percurso inicial de aproximação com a área da saúde de modo geral: com-

⁴ Esse centro de saúde é vinculado à faculdade de medicina da Universidade de São Paulo (USP) e caracteriza-se como um serviço de atenção primária à saúde.

preender o que é e como funciona o sistema de saúde brasileiro, quais políticas e propostas estão sendo discutidas e implementadas atualmente, e, em particular, as características do CSE. Com base nisso, a preocupação foi elaborar um projeto que fizesse sentido para aquele serviço, com características singulares e que, de modo geral, não fazem parte do cotidiano do profissional de educação física.

Nesse momento, foi relevante a aproximação entre o referencial teórico adotado pelo Gees e o trabalho de Campos (2000) *Um método para a análise e co-gestão de coletivos*⁵, para a elaboração do projeto "Práticas Corporais e Comunidade". Esse trabalho esteve vinculado ao setor de adultos do CSE, mas atendeu também usuários encaminhados do setor de saúde mental. A adesão ao projeto e a permanência nele foram voluntárias. Os princípios norteadores, de modo sucinto, envolveram: privilegiar o sujeito (doente ou não) em vez da doença; lidar com os diferentes conteúdos da cultura corporal de movimento e não apenas aqueles tradicionalmente reconhecidos como "eficazes" para promover saúde; tratá-los de maneira pedagógica e dar espaço para discussão de temas de interesse do grupo; envolver e co-responsabilizar os sujeitos nas atividades, por meio de um trabalho coletivo, que considerasse o conhecimento das pessoas e a troca de experiências; favorecer a autonomia e trabalhar com a promoção da saúde e a clínica, de forma complementar e não excludente.

Na análise dos dados coletados por meio de entrevistas abertas (realizadas com dez pessoas que participaram do projeto), Freitas (2003) observou que pensar a educação física no serviço público de saúde pede um deslocamento do olhar da prática pela simples prática e da idéia que associa o corpo forte, magro e bem modelado à saúde. Isso porque a saúde destacada pelos sujeitos envolvidos com as atividades não se referia apenas ao bem-estar físico (ter um ótimo condicionamento físico, modificar o corpo, ou a não sentir dores e não precisar tomar remédio), mas se relacionava ao encontro com o outro, com as possibilidades criadas, a sentir-se feliz, a estabelecer novos vínculos e a ser útil por ouvir e fazer-se ouvir.

As diferentes práticas trabalhadas (ginástica, jogos, caminhada, dança, relaxamento, recreação) mostraram-se ricas, no sentido de atender à heterogeneidade

⁵ Campos (2000) propõe nesse trabalho pensar modos de orientar o trabalho em equipe, o lidar com pessoas e a produção de coisas segundo o desejo e a necessidade delas. No intitulado "método da roda", o autor faz uma crítica acerca das concepções dominantes dos modos de analisar e gerir o trabalho em equipe. Tradicionalmente a gestão é feita por uma minoria que detém o poder, ou por especialistas. Ao contrário dessa idéia, o autor fala em co-gestão, na qual a tarefa de gerir passa a ser coletiva, e não mais de uma minoria dominante. Além disso, o modo como se organiza o trabalho passa a ser entendido com duas finalidades: uma, produzir bens e serviços que são necessários ao público; outra, cuidar da constituição de sujeitos e de coletivos.

presente no grupo (adultos de 22 a 80 anos, com diferentes características: obesos, hipertensos, diabéticos, depressivos, na maioria de renda e escolaridade baixas) e de oferecer às pessoas experiências que muitas delas ainda não tinham, como fazer um simples alongamento. Foram também um meio de aliviar dores (principalmente musculares e articulares) e sofrimentos (sentimentos de tristeza, desânimo, isolamento), além de contribuir para melhoras clínicas (controle da hipertensão, diminuição nas doses de remédio, das câibras e das dores musculares), segundo Freitas (2003). Essas considerações indicam a necessidade de contemplar essas práticas, para promover um equilíbrio entre aspectos objetivos e subjetivos relacionados à saúde.

Com base nessas observações, destaca-se a importância de pensar a educação física no serviço público de saúde, não só por ampliar seu campo de intervenção, mas principalmente para rever a forma de eleger e tratar seus conteúdos e de lidar com os sujeitos quando a questão é saúde. Esse esforço é necessário, pois há uma demanda que cada vez mais chega aos serviços e relaciona suas necessidades de saúde, que são de diferentes ordens, aos cuidados do profissional de educação física.

Para isso, é preciso avaliar os trabalhos realizados junto aos serviços públicos de saúde (formal ou informalmente), a formação profissional oferecida na educação física no que se refere à sua intersecção com a saúde, assim como refletir sobre: o que se pensa na educação física acerca das possibilidades no campo de atuação, qual referencial teórico-metodológico tem sido adotado, como se dá a sua integração com a comunidade e com as outras profissões da saúde. Isso pode trazer novos elementos para discutir saúde em nossa área de forma específica, para que esse profissional possa, de forma mais efetiva, ser um sujeito a mais na busca pela integralidade da saúde das pessoas.

Corpo belo e saudável

Considerar os “sujeitos” da relação atividade física e saúde, como afirma Carvalho (2001), envolve o deslocamento do olhar para o “outro” e para a compreensão de sua dinâmica de vida, para os significados que atribuem às práticas corporais, para o modo como lidam com as influências da mídia e com a busca por um corpo belo e saudável.

Em Lopes da Silva (2003) foi possível compreender melhor essa dinâmica cultural. A pesquisa realizada com sete praticantes de musculação em um parque público da cidade de Campinas (SP), possibilitou o acesso aos significados que tais sujeitos atribuem a essa prática. Entre os diversos sentidos enunciados, a preocupação com a beleza corporal e a saúde foram unânimes, e em vários momentos associaram a imagem de um corpo belo como sendo sinônimo de saúde. Essa é uma relação fortemente enfatizada na atual sociedade e, sobretudo, multiplicada

nas mensagens difundidas pela mídia. Os sujeitos são incentivados à realização de práticas corporais, controle alimentar, consumo de determinados produtos dietéticos e cirurgias plásticas com finalidade exclusivamente estética, como principais meios para atingir o padrão de beleza desejado e ter uma aparência jovem e saudável.

Essa forma de entendimento desconsidera os múltiplos fatores que são fundamentais para pensar a questão saúde: os valores que orientam a vida, a relação com o outro, ter uma condição de vida digna, acesso ao conhecimento da cultura corporal, poder fazer escolhas nas práticas que se realiza; valorizar as diferenças humanas e não padronizar corpos e aparências etc. Esses fatores citados levam, no mínimo, a questionar se o fato de os sujeitos serem adeptos das práticas corporais garante, por si só, uma vida saudável a eles.

A associação do corpo belo como sendo sinônimo de saúde mencionada pelos entrevistados da pesquisa é questão central para a compreensão da atual situação social. Vivemos em uma época em que a aparência é fortemente valorizada. Em um contexto orientado pelo lucro, dinheiro e sucesso, a aparência jovem, bela e saudável é síntese e expressão dessa época. A idéia transmitida, sobretudo pelos principais meios de informação, é de não importar se a pessoa tem, de fato, saúde, mas ter uma aparência que expresse isso.

A busca pela imagem desejada implica mudanças no corpo, e está relacionada à forma como os sujeitos querem ser vistos socialmente, isto é, a mudança não se dá somente no plano individual, mas também no coletivo, na maneira como se quer ser visto pelo outro de seu meio.

Na pesquisa com os praticantes de musculação, foi possível identificar que todos estavam passando por momentos de mudanças na vida, por fatores diversos: pela idade, não tendo ainda uma vida independente dos pais, troca de cidade, busca por emprego, separação no casamento, enfim, a história de vida de cada um deles sinalizava mudanças. Isso parece coincidir com a vontade expressa pelos sujeitos de obter determinada aparência pela prática realizada, contribuindo para a afirmação de seus papéis sociais também pelo corpo.

A partir das reflexões e dados apresentados, podemos compreender que os adeptos das práticas corporais são representantes da sociedade que estão inseridos e são também construtores de sua maneira de viver. Podem-se contrapor aos valores que predominam em sua época, refutar as orientações que recebem da cultura de consumo, priorizar a intensidade das relações sociais em vez das aparências, pensar a saúde como direito não como produto, reconhecer o “outro” como diferente de si e compreender criticamente as influências da mídia na difusão de imagens e mensagens sobre corpo, beleza, saúde, práticas corporais; enfim, priorizar valores que não são os que predominam na sociedade contemporânea, tais como: a solidariedade, a autonomia, a troca de saberes, o respeito às diferenças, as ações coletivas.

Para isso, é necessário terem acesso a serviços e a intervenções profissionais que lhes possibilitem questionar e reconstruir os significados atribuídos ao corpo e às práticas corporais. Vemos aí a contribuição do encontro entre a educação física e a saúde coletiva e o referencial teórico-metodológico das ciências sociais e humanas, apontando pressupostos para uma atuação efetiva. Intervenção essa que considere os significados atribuídos às práticas corporais, as influências que os sujeitos recebem cotidianamente, o debate sobre a questão saúde e das práticas corporais, o conhecimento que o seu interlocutor possui sobre a prática realizada, a troca de saberes entre áreas acadêmicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A saúde coloca-se como um dos temas de destaque, tanto nas questões de políticas públicas, como no âmbito acadêmico profissional. Há diversos fatores interferindo na questão. Entre eles, aponta-se a degradação das condições de vida, habitação, emprego, violência, enfim, os reflexos do modo capitalista de viver que gera impactos diversos na saúde da população. Contudo, essa multiplicidade de aspectos parece pouco incorporada na reflexão dos profissionais de educação física. Os discursos e as práticas propagadas por esses são provindas, ainda hoje, predominantemente, da visão de saúde e de práticas corporais da racionalidade médica. Há um empobrecimento das características humanas, o que limita as possibilidades de ação desses profissionais. Em contrapartida, se o binômio atividade física e saúde é parte de uma dinâmica cultural específica, pode ser afirmado, refutado ou ainda questionado pelos diversos atores sociais.

Essa constatação exige da educação física dar conta de um novo referencial que considere as expressões humanas como construções sociais significantes e que entenda o modo como o homem apreende a realidade e se relaciona com outros participantes da existência, bem como com a sociedade de modo geral. Em vista disso, torna-se elemento essencial compreender os valores implícitos nas manifestações humanas e os significados que os homens atribuem às práticas corporais quando se deseja a intervenção no mundo, por meio do corpo, na busca pela saúde.

O encontro entre educação física e saúde coletiva possibilita atentar para interesses e necessidades das pessoas, muitas vezes não privilegiadas quando se pensa em pesquisas ou intervenções direcionadas à saúde.

Olhar e ouvir aquele que se deseja atender e aquele que necessita ser atendido é um passo na busca por respostas às dúvidas e dificuldades que permeiam a formação e a prática profissional. Conceber a existência de diversas formas de expressões corporais que as pessoas elegem no sentido de melhorar a vida, que

fogem ao modelo que, predominantemente, se pretende e se constrói para desenvolver os conteúdos da educação física, é outro. A direção pode estar no cotidiano, nos diversos aspectos que compõem a vida das pessoas, mas que tantas vezes não são contemplados nas ações profissionais.

Tal proposição torna-se ainda mais relevante se considerarmos que são poucas as pessoas que têm acesso aos serviços e conhecimentos pertinentes ao profissional de educação física, sendo restritos àqueles que podem pagar por eles. Em contrapartida, são muitas as que recebem as fortes influências de instituições como a mídia, a qual difunde as práticas corporais como meios para atingir certos padrões de beleza e conquistar uma aparência saudável. Nesse caso, o acesso não significa que as pessoas entendem ou que se apropriam das informações recebidas. Assim, o profissional acaba desempenhando um papel secundário em relação à saúde das pessoas. Não se observa, por exemplo, uma participação efetiva do profissional nas ações de saúde pública, nos serviços públicos de saúde, tampouco o envolvimento com outras tantas subáreas desse campo, no sentido de atender à comunidade. Lembra-se aqui que, conforme as instituições de pesquisa e órgãos de fomento à produção científica, a educação física está situada na grande área da saúde.

Por fim, pensar a saúde, na linha aqui proposta, possibilita um intercâmbio maior com outras profissões da área, no sentido de juntar esforços para lidar e compreender a diversidade dos problemas de saúde. É também um caminho de mão dupla: a saúde coletiva contribui com a educação física e vice-versa. Assim, o olhar renovado que parte do vivido, do experienciado na educação física, leva novas questões para o espaço que se abre para os conteúdos da cultura corporal no campo da saúde. Isso é relevante pois, embora – como apresenta Luz (2005) – as práticas corporais passem a fazer parte das possibilidades de cuidar do corpo e de melhorar a saúde, a ação do profissional da educação física ainda não foi legitimada na saúde pública e nos serviços públicos de saúde. Nota-se a inserção dos conteúdos da educação física, mas não a incorporação dos profissionais dessa área nos serviços.

Sinaliza-se, então, para a construção coletiva. Construção que valorize as diferenças e potencialize as inquietações individuais. Deseja-se que o mesmo exercício que se deu nas reflexões destinadas a pensar a relação educação física e saúde, culminando no presente texto, se dê também entre os atores da saúde, nas ações entre os sujeitos – sejam estes professores ou alunos –, nas propostas profissionais, nos diferentes espaços e instituições. A expectativa é também que tais elaborações possam fomentar as reflexões e possibilidades de intervenção na área da educação física. Enfim, que despertem olhares, agucem a revisão de conceitos e valores que contribuam para, como cita Carvalho (2001), “fazer a vida melhor”.

New outlooks on body practices and health

ABSTRACT: Historically, a biological frame of reference for studies on the body, on health and bodily practices has been predominant on the field of Physical Education. Such a view has reinforced the idea that practicing physical activity is in itself, a guarantee of the population's health. The goal of this paper is to contribute to rethinking the concepts and values that are present in such a relationship, from a socio-cultural perspective. For these purposes, we have carried out a review of the literature and academic production of a research group is seeking new outlooks for health through a meeting of the fields of Physical Education and Public Health.

KEY-WORDS: Bodily practices; health; culture.

Prácticas corporales y salud: nuevas miradas

RESUMEN: El referencial exclusivamente biológico para los estudios del cuerpo, de las prácticas corporales y de la salud ha sido históricamente predominante en el área de la Educación Física. Tal visión refuerza el entendimiento de que la práctica de actividades físicas garantiza, por sí misma, salud a las personas. El objetivo de este trabajo es reflexionar sobre valores y conceptos presentes en tal relación, a partir de referencias socioculturales. Para tanto, realizamos una revisión de la literatura y de producciones académicas de un grupo de investigación que busca, en el encuentro entre la Educación Física y la salud Colectiva, construir nuevas miradas para la salud.

PALABRAS CLAVES: Prácticas corporales; salud; cultura.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BETRÁN, J. O. Las actividades físicas de aventura em la naturaleza: análisis sociocultural. *Apunts: Educación Física y Deportes*, v. 41, p. 5-8, 1995.

CAMPOS, G. W. S. *Um método para análise e co-gestão de coletivos*. São Paulo: Hucitec, 2000.

_____. *Saúde Paidéia*. São Paulo: Hucitec, 2003.

CARVALHO, Y. M. Atividade física e saúde: onde está e quem é o "sujeito" da relação? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 22, n. 2, p. 9-21, 2001.

_____. *O "mito" da atividade física e saúde*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

DIEGUES, A. C. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Annablume/Hucitec: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2002.

FREITAS, F. F. *A educação física no serviço público de saúde*. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FUNTOWICZ, S.; DE MARCHI, B. Ciencia posnormal, complejidad reflexiva y sustentabilidad. In: LEFF, E. (Org.). *La complejidad ambiental*. México: Siglo XXI, Pnuma, 2000.

KOYRÉ, A. *Considerações sobre Descartes*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

LEFF, E. Pensar la complejidad ambiental. In: LEFF, E. (Org.). *La complejidad ambiental*. México: Siglo XXI, Pnuma, 2000.

LOPES DA SILVA, C. A *"mediação" das práticas corporais*: significado da musculação para frequentadores de um parque público. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

LUZ, M. T. *Natural, racional, social*: razão médica e racionalidade científica moderna. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

_____. *Novos saberes e práticas em saúde coletiva*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2005.

MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2000.

PAIM, J. S.; ALMEIDA FILHO, N. *A crise da Saúde Pública e a utopia da Saúde Coletiva*. Salvador: Casa da Qualidade, 2000.

SILVA, A. M. *Corpo, ciência e mercado*: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade. Campinas: Autores Associados; Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

SOARES, C.L. Imagens da retidão: a ginástica e a educação do corpo. In: CARVALHO, Y. M.; RUBIO, K. (Orgs.). *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 53-74.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna*: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

Recebido: 30 set. 2005

Aprovado: 20 nov. 2005

Endereço para correspondência

Fabiana Fernandes de Freitas

Av. Presidente Vargas, 1759

Araraquara-SP

CEP 14800-005